

Cerimónia de atribuição do título de «Doutor Honoris Causa» na Universidade de Lisboa

Discurso da Presidente do Parlamento Europeu, Roberta Metsola

Ex.^{mo} Senhor Reitor Luís Ferreira,
Ex.^{mo} Senhor Presidente do Conselho Geral Carlos Pina,
Ex.^{mo} Senhor Professor Ricardo Ramos Pinto,
Ex.^{ma} Senhora Professora Carla Margarida Barroso Guapo da Costa,
Ex.^{mo} Senhor Ministro Paulo Rangel,
Ex.^{mo} Senhor Presidente da Câmara,
Ex.^{mos} Senhores Deputados ao Parlamento Europeu,
Ex.^{mos} Senhores Embaixadores e ilustres convidados,
Caros professores,
Caros estudantes,
Caros europeus,

É uma honra regressar à magnífica e dinâmica cidade de Lisboa. Conforme referiu a Professora Guapo da Costa, Portugal é dos países que tenho visitado com maior frequência ao longo do meu mandato presidencial. E há uma boa razão para isso. Portugal é um país que representa a essência do que é ser europeu, é um lugar em que me sinto sempre em casa, com um povo que simboliza o espírito da resiliência, da solidariedade e da união – valores que a Europa deve continuar a abraçar. Chamo a isto o efeito português.

Porém, a honra é para mim tanto maior por me encontrar na prestigiada Universidade de Lisboa a receber o título de «Doutor Honoris Causa». *Obrigada por esta homenagem* [em português]. Além de constituir um reconhecimento pelo trabalho desenvolvido no Parlamento Europeu, confere-me, assim o entendo, a responsabilidade de continuar a defender a Europa. Constitui como que um ímpeto renovado no sentido de continuar a envidar esforços para defender os nossos valores europeus comuns que são a liberdade, a democracia, a igualdade e a justiça. Valores que, quicá com demasiada frequência, consideramos um dado adquirido e que estão cada vez mais em ameaçados.

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Na próxima semana, celebra-se em Portugal o 50.º aniversário da Revolução dos Cravos de 1974, a revolução que deu início à transição do vosso país para a democracia e marcou o fim de uma era de repressão. A História de Portugal seguiu o seu curso enquanto se escreveu um novo capítulo da História de uma Europa livre.

Três anos mais tarde, Mário Soares, antigo aluno desta grande Universidade, primeiro-ministro do primeiro Governo Constitucional e antigo deputado ao Parlamento Europeu, deu o primeiro passo importante rumo à adesão de Portugal à UE e garantiu que a nossa História continuasse a ser escrita em conjunto.

Estamos hoje aqui reunidos na cidade que é a cidade da Europa. O Tratado de Lisboa definiu a Europa moderna. Foi aqui que, em 2007, os dirigentes europeus, presididos por José Manuel Durão Barroso na Comissão, se reuniram numa poderosa combinação de simbolismo e de ambição orientada para o futuro para traçar o caminho da Europa. Este Tratado tornou o Parlamento Europeu mais forte, mas, mais importante do que isso, permitiu que fossemos capaz de enfrentar em conjunto os desafios que se colocaram na última década e meia. Agora,

impõe-se que esse mesmo espírito, que essa coragem política nos anime novamente para darmos os passos seguintes. Mais uma vez, confiamos em que Portugal assuma a liderança.

Portugal compreendeu, mais cedo e talvez melhor do que muitos outros, que nenhum de nós pode ser livre enquanto não formos todos livres, que nenhum de nós pode estar em segurança enquanto não estivermos todos em segurança. Compreendeu que uma Europa unida constitui a melhor garantia para todos os nossos cidadãos.

Esta é também a filosofia que está na base da nossa resposta à guerra ilegal da Rússia na Ucrânia. Uma guerra que ninguém queria, que ninguém provocou e que se dirigiu contra tudo o que nos é caro na Europa. Constituiu um sinal de alerta que nos adverte para o facto de ainda haver quem considere o nosso modo de vida europeu uma ameaça, pelo simples facto de existir. Por isso, não podíamos hesitar e não hesitámos em estar ao lado da Ucrânia quando mais importava; por isso, continuamos a estar a seu lado; por isso, continuaremos a estar a seu lado o tempo que for necessário.

Em fevereiro de 2022, poucos dias depois da invasão russa da Ucrânia, travei conhecimento com um grupo de mulheres e crianças, em Estrasburgo. Tinham acabado de chegar de Kiev. Quando lhes perguntei para onde iam, responderam-me: «Para o Porto», um lugar do outro lado do continente. Foi um momento de grande emoção. Por outro lado, demonstrou que, mesmo nos tempos mais difíceis, Portugal não se esquiva às suas responsabilidades, nem abdica dos valores que tiraram o país da opressão e o colocaram na via da democracia, no cerne da União Europeia.

Isto, queridos amigos, é o efeito português: a Europa no seu melhor, à vista de todos.

A Europa começa aqui, a vossa nação é a porta de entrada para o resto do mundo. Os laços únicos que criastes, da América Latina a África e à Ásia, são a prova de que a Europa sabe dar voz ao mundo e ouvir de uma forma que permite chegar a um entendimento comum e proteger o multilateralismo.

Temos enfrentado tempos difíceis, mas, como diz o ditado português: *o ferro mais forte é forjado no fogo mais quente* [em português]. É por isso que defendo que a Europa está mais forte do que nunca: por causa e não apesar dos desafios a que temos tido de fazer face. Defendo que as crises que enfrentámos nos tornaram mais resilientes, mais determinados e mais unidos do que nunca, que os nossos valores ganham importância e saem reforçados, mesmo quando são postos à prova, tal como sucedeu noutras épocas ao longo da nossa História.

Nos últimos anos, a nossa fé no nosso projeto e os nossos valores foram, de facto, muitas vezes postos à prova. Mas a Europa esteve à altura dos acontecimentos e saiu de cabeça erguida.

No pico do período da pandemia, conseguimos assegurar o fornecimento de vacinas e ventiladores, a nossa capacidade conjunta no domínio da saúde registou enormes progressos, concedemos apoio ao emprego e às empresas e ajudámos as economias nacionais a recuperar. Tudo isto só foi possível porque trabalhámos em conjunto.

Juntos, unidos como nunca, congregámos esforços para prestar ajuda militar, financeira, política e humanitária à Ucrânia. Mantivemo-nos decididos e firmes contra as táticas de intimidação de Putin e cortámos os nossos laços de dependência da Rússia.

Juntos, defendemos a humanidade, à medida que nos esforçamos por aliviar as tensões no Médio Oriente e construir uma estabilidade duradoura e sustentável e a paz na região.

Juntos, estamos a dar os primeiros passos importantes na construção de uma verdadeira união da UE para a segurança e a defesa. Uma construção que tenha em conta a nossa convicção profunda da necessidade de defender a paz que a Europa representa.

Ainda assim, sabemos que o instrumento geopolítico mais forte da nossa União continua a ser o alargamento, um processo que traz benefícios a todos os envolvidos. Quando se tratou da Ucrânia, da Moldávia, dos Balcãs Ocidentais, da Geórgia, as nossas palavras traduziram-se em atos concretos.

Tal como sucedeu na semana passada, quando, contra tudo o que seria de esperar, adotámos um quadro legislativo sólido para a migração e o asilo, idêntico em todos os Estados-Membros. Adotámos um quadro justo para com aqueles que precisam de proteção, determinado para com os que não são elegíveis para asilo e intransigente para com os traficantes que exploram as pessoas mais vulneráveis do nosso planeta. Adotámos um quadro que protege as fronteiras, que assenta na solidariedade e na responsabilidade e que coloca a humanidade primeiro que tudo.

Juntos, definimos um caminho para a transição ecológica da Europa, a fim de dar resposta à nossa emergência climática, impulsionar o crescimento sustentável e tornar as nossas economias europeias mais resilientes. E, neste contexto, permitam-me que sublinhe que, para que a nossa transição ecológica seja bem-sucedida, também tem de ser justa: justa para com os Estados-Membros e as regiões, justa para com as empresas, com a indústria, com as famílias, com as pessoas, justa no sentido de não deixar ninguém para trás.

No domínio digital, introduzimos legislação que visa aumentar a segurança em linha das pessoas e a responsabilização das empresas.

Aprovámos o Regulamento Inteligência Artificial – uma legislação abrangente e a primeira no mundo nesta matéria –, estabelecendo o justo equilíbrio entre inovação e regulamentação, o que se reveste de particular importância perante os receios de ingerência estrangeira e de manipulação eleitoral.

E já que estamos a falar de desinformação, acabámos de adotar dois atos legislativos precursores na matéria, o Regulamento Europeu relativo à Liberdade dos Meios de Comunicação Social e uma diretiva para combater as ações judiciais estratégicas contra a participação pública, que garantirão a independência dos meios de comunicação social, promoverão o pluralismo e protegerão os jornalistas da litigância de má-fé.

Juntos, assumimos um compromisso renovado na luta pela igualdade de género e introduzimos várias leis para combater a violência baseada no género, ajudar a quebrar tetos de vidro e acabar com a discriminação.

Ex.^{ma} Senhora Professora, foi com grande humildade que ouvi V. Ex.^a expressar orgulho em ser minha madrinha. Só posso retribuir esse sentimento. Sinto-me muito honrada por V. Ex.^a me ter proposto para a atribuição do título de «Doutor Honoris Causa», não apenas enquanto pessoa bem-sucedida no domínio académico e europeísta convicta. Mas sobretudo como mulher.

Porque, enquanto mulheres na universidade, na política, na economia, na maioria dos domínios, sabemos bem o que significa ser alvo de compartimentação e de pensamento estereotipado. Sabemos que, para as mulheres que a pretendem escalar, esta montanha é muito mais íngreme. E só pode tornar-se ainda mais íngreme se as mulheres não se ajudarem umas às outras.

Neste contexto, os meus pensamentos vão também para Tajala Abidi. Uma mulher afegã de 25 anos que fugiu do seu país de origem nos primeiros meses da repressão das liberdades e dos direitos das mulheres pelos talibãs. Hoje, a 8 000 quilómetros de distância do local onde nasceu, considera Portugal o seu lar. Numa das minhas mais recentes visitas a Lisboa, encontrei-me com a Tajala, que, no entanto, não estava sozinha. Estava acompanhada de outras mulheres e raparigas que, ajudadas por ela, seguiram o seu exemplo. Hoje, fiquei a saber que duas das mulheres que aí se encontravam estão a estudar Engenharia na Universidade de Lisboa. E que, em breve, a Tajala estará a frequentar um curso de mestrado nesta Universidade.

Uma vez mais, a Europa no seu melhor ficou à vista de todos. Ficou verdadeiramente à vista o efeito português.

Juntos, temos, ao longo dos últimos cinco anos, dado também às novas gerações a possibilidade de viajar, estudar, trabalhar, criar negócios, pesquisar e inovar no âmbito de um grande espaço de liberdade. Graças aos fundos da União Europeia, estamos a dar aos jovens de toda a Europa a oportunidade de realizarem plenamente o seu potencial.

É evidente que, ao mencionar tudo isto, não é minha intenção afirmar que a União Europeia é perfeita. Longe disso. Mesmo assim, orgulho-me daquilo que realizámos. Orgulho-me do trabalho político e da solidariedade que demonstrámos. Sinto um enorme orgulho pelo trabalho efetuado pelos meus colegas portugueses no Parlamento. Ao mesmo tempo, impõe-se também olhar com honestidade para as situações em que poderíamos ter feito melhor, em que poderíamos ter dado mais ouvidos ou prestado maior atenção, para as situações em que as frustrações relacionadas com os nossos procedimentos afastaram as pessoas e para as situações em que carregámos demasiado no acelerador ou em que talvez tivéssemos podido ir mais longe.

Na Europa, ainda há demasiadas pessoas que têm dificuldade em subsistir até ao final do mês. Demasiadas pessoas que, financeiramente, vivem na preocupação do dia de amanhã, sem saberem se os seus salários chegarão para fazer face a todas as despesas. São ainda demasiados os jovens que vivem preocupados com o seu futuro, sem saber se vão encontrar um emprego ou conseguir pagar a renda, muito menos comprar casa própria. São ainda demasiadas as empresas que têm dificuldade em inovar, sufocadas por um excesso de burocracia e pelos encargos demasiado onerosos. Podemos facilitar a vida às pessoas.

Ao colocarmos essa honestidade em primeiro plano estaremos a fazer recuar todos os vendedores da banha da cobra que tentam minar os nossos processos democráticos.

Ora, para isso, precisamos de cada um de vós.

Precisamos que as pessoas acreditem.

Precisamos de uma boa dose da confiança que demonstrais aqui.

Estou ciente de que, nos tempos que correm, é mais fácil juntarmo-nos aos pessimistas, é mais popular contribuir para a destruição do que ajudar a construir, é mais difícil navegar pelas redes sociais que bombardeiam constantemente os nossos sentidos. O nosso caminho, o caminho da Europa, está sob pressão. Não podemos dar por adquirido tudo aquilo que já foi alcançado.

Há 20 anos, concorri pela primeira vez a eleições. Nessa altura, tinha 24 anos e era uma rapariga com o entusiasmo que caracteriza a juventude, poucas hipóteses de vencer e poucos apoios, mas também com muita esperança. Fi-lo, embora soubesse que era praticamente impossível ser bem-sucedida. Fi-lo simplesmente porque acredito na Europa, no nosso poder de mudar as vidas das pessoas e no nosso poder de moldar o futuro. Acredito na via pela qual enveredámos. Acredito que somos melhores quando agimos em conjunto. Acredito hoje com a mesma convicção com que acreditava há vinte anos. A política não fez com que a minha paixão pela mudança perdesse intensidade. Acendeu uma chama que a mantém viva.

Não fui eleita há 20 anos, nem fui eleita quando, pela segunda vez, concorri a eleições. Mas nunca desisti nem me deixei impressionar. E acabei por conseguir convencer um número suficiente de pessoas a dar-me uma oportunidade. Ainda me recordo daquilo que me disse o meu pai: sê paciente, mantém-te firme e acredita. Hoje, enquanto Presidente do Parlamento Europeu, dou grande valor a estas palavras.

Os tempos mudam, as eleições vão e vêm, mas quem se encontra aqui hoje diante de vós continua a ser a rapariga cheia de entusiasmo e que acredita, aquela que continua a escolher a política como uma forma de impor a mudança e que não tem palavras para exprimir a sua gratidão por hoje lhe ser atribuído este título de «Doutor Honoris Causa».

Se a Europa não é ainda o lugar que quereis que seja, compreendei que a responsabilidade de mudar a Europa é tanto vossa como de qualquer outra pessoa. Portugal já fez História com o Tratado de Lisboa, um dos Tratados mais importantes que moldaram a UE. Não vos instalais no conforto do cinismo fácil, nem vos deixeis iludir pelas soluções fúteis que o extremismo político tenta impingir para resolver questões complexas.

É tempo de fazer frente, de ser a mudança e de fazer com que as vossas vozes sejam ouvidas. Deixai de esperar que outros o façam por vós. No dia 9 de junho, ide votar e tornai-vos parte deste notável efeito português.

Acreditai.

Muito obrigada.